

## ELEIÇÕES EM PORTUGAL

André Ventura, candidato do partido de extrema direita, é o favorito no primeiro turno do pleito presidencial, mas não deverá conquistar vaga no Palácio de Belém. Qualquer que seja resultado, o partido Chega ganhará projeção política

Patrocoa de Melo Moreira/AFP



Ventura finalizou campanha com uma caminhada em Lisboa, na sexta-feira: "Socialismo nunca mais"

Patrocoa de Melo Moreira/AFP



O socialista António José Seguro faz último apelo ao povo: "Não basta ter o voto no coração e na cabeça"

# O sonho de chegar ao poder

» RODRIGO CRAVEIRO

**O**futuro de Portugal começará a ser decidido, hoje, quando 11.039.672 eleitores irão às urnas para escolher, entre 11 candidatos, quem será o próximo presidente da República. Apesar de favorito no primeiro turno, André Ventura, líder do partido de extrema direita Chega, tem poucas chances de conquistar a principal cadeira do Palácio de Belém, em Lisboa, e suceder o atual presidente, o conservador Marcelo Rebelo de Sousa. Com Ventura praticamente garantido na nova rodada eleitoral, em 8 de fevereiro, segundo as pesquisas de opinião pública, a incógnita fica por conta de quem será o seu adversário. As sondagens colocam o socialista António José Seguro e o direitista Luís Marques Mendes, apoiado pelo premiê Luís Montenegro, com chances reais de disputar o segundo turno com Ventura. Mesmo que o candidato da extrema direita não chegue ao poder, é praticamente certo que o pleito de hoje consolide a ascensão eleitoral de seu partido.

Na sexta-feira passada, último dia de campanha, Ventura demonstrava otimismo. "Continuamos a

liderar todas as sondagens. Vamos lá vencer isto no domingo. Socialismo nunca mais!", escreveu em seu perfil na rede social X. Ele pediu que o Partido Social Democrata (PSD), de Montenegro, e o Iniciativa Liberal (IL), de João Cotrim de Figueiredo, não criem um obstáculo a uma eventual vitória sua que "impõe o socialismo" de retornar ao poder. "Se, como os números indicam, o segundo turno for entre mim e Seguro, o que eu espero do líder do PSD, da Iniciativa Liberal e de outros movimentos e de apoios mais conservadores e de direita, é que não sejam um obstáculo", declarou o líder do Chega, citado pelo jornal *Diário de Notícias*.

Mendes encerrou a campanha com um almoço com mulheres, em Lisboa, e uma caminhada em Sintra. "Quero ser presidente de todos, com moderação e independência, para unir Portugal e defender a nossa estabilidade democrática", declarou. Por sua vez, Seguro fez um alerta ao eleitorado: "Não basta ter o voto no coração e na cabeça. É necessário colocar a cruzinha no quadrado à frente da fotografia do Seguro". "Só verei presidente se a maioria dos portugueses votar em mim. Tenho essa confiança, muita confiança", acrescentou o

socialista, que escolheu a cidade de Porto para finalizar a campanha.

Professor de ciência política da Universidade Nova de Lisboa, João Caneira explicou ao *Correio* que as probabilidades de André Ventura chegar à Presidência de Portugal são baixas. "Isso por ser necessário ter mais da metade dos votos, e Ventura é o candidato com taxas de rejeição mais elevadas. Ainda assim, somente a chegada ao segundo turno, que neste momento

contraria imigração e contra as minorias (de gênero, culturais, etc.). Outra reforma desejada é a da Justiça, com mais poderes ao Ministério Público e a introdução de penas mais severas (como a prisão perpétua, hoje proibida pela Constituição)." **Eu acho..**

Arquivo pessoal



**MARCO LISI**, professor do Departamento de Estudos Políticos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (em Lisboa)

pairaram acusações de assédio feitas por uma ex-colaboradora.

Caneira credita ao fenômeno de crescimento da extrema direita o fato de o Chega ter ocupado o espaço deixado por partidos tradicionais percebidos como distantes, pouco responsivos e incapazes de dar resposta a sentimentos de abandono. "O Chega começou a ser mais bem-sucedido entre jovens do sexo masculino de áreas periféricas, muitos deles sem educação superior e que estavam essencialmente desligados da política. A desconfiança nas instituições e a mobilização de outsiders internos como foco de ressentimento funcionaram neste público. Além disso, erodiram as barreiras normativas que antes estigmatizavam o tipo de discurso feito pelo Chega — mesmo que as atitudes anti-imigração e anti-elites estivessem presentes no eleitorado português antes da emergência do partido", acrescentou.

### Rejeição

Marco Lisi, professor do Departamento de Estudos Políticos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (em Lisboa), concorda com Caneira em relação às chances de Ventura. "As probabilidades são praticamente

nulas. No segundo turno, qualquer candidato terá, facilmente, a maioria absoluta dos votos. Existe uma forte rejeição em relação ao Chega por parte do eleitorado moderado e, sobretudo, de esquerda", afirmou ao *Correio*. Ele compartilha da ideia da existência, em Portugal, de uma grande adesão à crítica contra o sistema. "Há uma insatisfação em relação ao sistema político e uma elevada perda de afeição em relação ao establishment, sobretudo entre os grupos mais jovens."

Lisi destacou que o tema da imigração tornou-se nevrálgico nos últimos anos. "O crescimento exponencial da imigração não europeia (sobretudo asiática) tem sido associado a vários problemas em Portugal, tanto econômicos quanto sociais", comentou. O partido de André Ventura também se beneficia da crise de credibilidade das principais legendas portuguesas, afetadas por uma série de escândalos ao longo da última década, o que prejudicou a imagem desgastada da elite política. "Finalmente, o Chega teve sucesso por causa do sucesso da liderança populista de Ventura, que adotou outro tipo de linguagem e outro tipo de comunicação — baseado fortemente nas redes sociais."

## ANEXAÇÃO DA GROENLÂNDIA

# Trump ameaça tarifar quem se opuser

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaçou ontem vários países europeus com a imposição de tarifas aduaneiras de até 25% até que seja concretizada a compra da Groenlândia pelos norte-americanos. Enquanto o norte-americano aumentava a pressão pela anexação do hoje território autônomo dinamarquês, milhares de manifestantes tomavam ruas de Nuuk, na ilha groenlandesa, e de várias cidades da Dinamarca para rejeitar as pretensões trumpistas.

Sob um céu nublado, manifestantes formaram uma maré vermelha e branca, as cores da bandeira da Groenlândia, na praça da Prefeitura de Copenhague, a capital dinamarquesa, exibindo cartazes com slogans

como "Os Estados Unidos já têm gelo suficiente" ou "Make America Go Away" (Faça os Estados Unidos irem embora), parafraseando o slogan de Trump, "Make America Great Again" (Faça os EUA grandes de novo).

A advertência de Trump se dirigiu à Dinamarca e a outros países europeus, incluídos alguns parceiros da Otan, que se opõem a que o vasto território, rico em minerais, estrategicamente situado às portas do Ártico e com uma população de 57 mil habitantes, passe a ser estadunidense.

A partir de 1º de fevereiro, Dinamarca, Noruega, Suécia, França, Alemanha, Reino Unido, Países Baixos e Finlândia estarão sujeitos a uma sobretaxa adicional de 10% sobre todos os produtos exportados aos Estados Unidos, anunciou Trump

em uma publicação em sua plataforma, Truth Social. "Em 1º de junho de 2026, a tarifa será aumentada para 25%" e deverá ser aplicada "até que se alcance um

acordo para a compra completa e total da Groenlândia", escreveu. O republicano disse que "esses países, que estão jogando um jogo muito perigoso, assumiram um nível de risco

que não é sustentável, nem tolerável". Desde que voltou à Presidência, Trump impôs tarifas a produtos da grande maioria de seus parceiros comerciais, para fazer frente ao

que Washington considera práticas comerciais desleais e como uma ferramenta para pressionar os países a se alinharem às políticas dos Estados Unidos.



Manifestantes protestam em Copenhague contra pretensão dos EUA



Donald Trump tenta subjugar aliados europeus